

BETAR & ARTES CENICAS

Vermelho

*Porque não começar o ano por ir ver uma peça de teatro?
No Teatro Aberto, um diálogo sobre a arte e a vida*



Betar

ENTREVISTA
ARO.
JOÃO LUÍS
FERREIRA

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



Caros leitores,

Sabemos que se avizinha um ano exigente, chamemos-lhe assim... Exigente a muitos níveis.

Da nossa parte, tudo será feito para seguir o rigoroso percurso, traçado há anos, baseado na competência e no profissionalismo. É este o nosso imperativo, é este o nosso conselho para o novo ano.

Exigente e rigorosa é também a seleção da Artes&Letras, a aposta da Betar no desenvolvimento cultural, cujas edições estão agora disponíveis, para consulta, no novo site.

Quanto ao número de Janeiro, as propostas são bastante variadas.

Na música, canta-se essencialmente em português. Rodrigo Leão, Pedro Abrunhosa e Orelha Negra são alguns dos destaques.

No Museu Berardo há obras de Vik Muniz, e ao Casino Estoril regressa o Salão de Outono. Excelentes oportunidades para alargar os seus conhecimentos ao nível da arte.

Nos palcos, representa-se “A morte de Judas” e “A paixão segundo Eurico”. Dois extraordinários textos encenados por Luís Miguel Cintra e Ana Vaz, respetivamente.

Lá fora, o museu Thyssen-Bornemisza dedica uma exposição monográfica à artista impressionista Berthe Morisot e em Londres apresentam-se obras do controverso John Martin.

E para inaugurar a secção de entrevista de 2012, convidámos o Arquiteto João Luís Ferreira para nos falar um pouco da sua carreira.

Por último, resta apenas informar que, a partir de agora, a Artes&Letras rege-se pelo novo acordo ortográfico.

Votos de um bom ano para todos!

MIGUEL VILLAR

‘A arquitetura é a vitória do espaço sobre o tempo. (...) É o oposto da moda. (...) É o que não é passageiro. (...) A arquitetura é o espelho da sociedade’.

Palavras do **Arq. João Luís Ferreira**, um apaixonado pela profissão. Por Cátia Teixeira



Retail de Matosinhos

Fundou o atelier Promontório com quatro colegas de curso. O que é que mais preza nesta parceria?

O facto de termos começado, os cinco, desde muito novos, fez com que a arquitetura se sobrepusesse sempre à personalidade de cada um, e isso permite uma reflexão menos pessoal e mais disciplinar. Há outros aspetos, de ordem prática, que também são muito importantes e vantajosos, como a complementaridade e a entajada, mas o que eu acho que é mais interessante e relevante nesta parceria é a ideia de que os trabalhos resultam do debate e do encontro de experiências. Éramos colegas na faculdade, começámos as carreiras juntos, e aquilo que era mais pessoal esbateu-se um pouco. Os projetos são feitos individualmente mas todo o discurso em torno do projeto e a produção do trabalho são feitos numa espécie de regime de proximidade, o que dilui os aspetos mais pessoais e menos disciplinares. Há uma afinidade entre todos, somos obrigados a refletir, e o que resulta dos nossos trabalhos é aquilo em que nos revemos enquanto grupo.



Embaixada do Egito

O Fluviário de Mora foi candidato ao Prémio Mies Van der Rohe, um dos mais prestigiados da Europa. Como é que encarou esse acontecimento?

Acho que foi bom mas eu penso que os prémios são um “pau de dois gumes”. Têm o fator de reconhecimento, mas também produzem um endeusamento das pessoas, que até as pode demitir de continuarem a ter as qualidades que as levou a ganhar determinado prémio. Os prémios podem ter fatores não meritocráticos associados. Se há 50 pessoas e uma delas ganha um prémio, essa pessoa não é, necessariamente, melhor que as outras. Essa pessoa teve, num certo momento, uma razão para ter um reconhecimento. Há uma tendência errada, da opinião pública, para desprestigiar os que não ganharam um prémio. Parece que quem não recebe prémios tem menos autoridade. Os prémios acabam por ser uma manipulação da leitura da realidade. É bom receber prémios, ou estar nomeado, porque é um reconhecimento. O que está errado é não termos autori-

dade porque não ganhámos um prémio. Um prémio deve ser um ‘plus’ não deve ser o que marca a continuidade do trabalho. É uma coisa excepcional que resulta de um determinado momento. Podemos ganhar um prémio e nunca mais ganhar nenhum, e não somos piores por isso. Não é normal fazermos só coisas excepcionais. Mas há pessoas que, depois de ganharem prémios, parece que só fazem coisas excepcionais, o que não acontece, fazem uma coisa excepcional e depois fazem coisas normais, como toda a gente.

A arquitetura marca a época onde se insere. Tem tiques de arquiteto contemporâneo?

Acho que não. Enquanto arquitetos não temos de ser historiadores de arquitetura. Pensamos e interpretamos com o saber que temos. Podemos ter uma consciência maior do nosso tempo ou de outros tempos, dependendo do que estudámos. Podemos ter uma visão mais historicista ou um fascínio por uma determinada época. Tudo isso influencia o nosso trabalho. Há sempre uma compo-

nente contemporânea, mas a contemporaneidade é aquilo que as pessoas fazem numa mesma época. E não há uma verdade da época, há muitas tendências, muitas formas de interpretar a realidade. O que pode ser característico de uma determinada época está mais relacionado com questões de princípios do que com as coisas em si. Por exemplo, há imensos movimentos de modernismo: uns são anti historicistas, outros recuperam a arquitetura popular mas recusam a clássica. Não há uma linguagem de arquitetura no modernismo. Faço assim porque quero e posso fazer, não tenho de justificar. A razão que está na origem da contemporaneidade é uma razão que tem a ver com a vontade. Na contemporaneidade os saberes são dispersos, não há uma unidade do saber, como no saber clássico. Ser contemporâneo pode ser fazer coisas modernas, pós-modernas ou futuristas... Na modernidade as pessoas não pensam segundo os mesmos princípios, manifestam-se todas de forma diferente, parece que somos todos de geração espontânea.

O que são para si a arte e arquitetura?

A arte é uma coisa complexa. Para definição de arte costumo usar um poema do Teixeira de Pascoais, chamado 'O Poeta', onde ele define o poeta mas eu extrapolo para a arte em geral. Diz o poema: 'O poeta é aquele que sobe aos píncaros da vida e depois volta cá abaixo para contar aos outros aquilo que viu'. Eu acho que a arte é a visão de alguma coisa, que alguns têm a sorte ou o mérito de ver e conseguem fazer uma síntese que os outros possam compreender. A arquitetura é a vitória do espaço sobre o tempo. Nós construímos um edifício e ele permanece. Mesmo que seja destruído a memória mantém-se e isso é uma forma do tempo não passar. Os edifícios envelhecem



Frente Ribeirinha de Alcácer

mas o facto de podermos ir a uma cidade, passados 30 ou 40 anos, e ver algumas coisas quase na mesma, mostra a imortalização da arquitetura. A arquitetura começou com a construção das antas, os túmulos paleolíticos, uma espécie de sítios para os mortos viverem, porque se acreditava na imortalidade da alma. O princípio da arquitetura é esta espécie de libertação do tempo. E isto é o que eu acho mais interessante na arquitetura. Esta ideia de que através da criação de um edifício, que passa a caracterizar o lugar, estamos a vencer o tempo. Eu diria que a arquitetura é o oposto da moda. Enquanto a moda dura seis meses, a arquitetura pode durar 30 séculos. A arquitetura é o que não é passageiro, é o que se estabelece como definitivo e tem de ser pensada como uma coisa definitiva. É diferente das outras artes: a música pode não se ouvir, a poesia pode não se ler, o teatro pode não se ver, mas a arquitetura é inseparável da nossa existência. Somos obrigados a viver com ela. A arquitetura é o espelho da sociedade.

Se gosta de coisas diferentes não pode perder a exposição do artista brasileiro Vik Muniz. Se prefere os grandes nomes das artes plásticas portuguesas, visite-os no Salão de Outono

MUSEU BERARDO

Vik Muniz: Auto retrato

Até 29 de Janeiro

Tendo registado mais de 55 mil visitantes até ao momento, a mostra 'VIK', inaugurada no dia 21 de Setembro, é a maior retrospectiva do artista plástico brasileiro Vik Muniz até à data, onde se pode ver mais de uma centena de trabalhos representativos da sua trajetória artística, incluindo obras inéditas e uma doação do artista à Coleção Berardo. Apoiado no uso de materiais pouco convencionais, Vik Muniz imprimiu a sua marca em trabalhos fotográficos realizados a partir de técnicas e elementos tão diversos como papel recortado, sucata, calda de chocolate e algodão. A relação entre os materiais utilizados e a referência a clássicos da história da arte originou obras emblemáticas como a famosa réplica de Mona Lisa, de Leonardo da Vinci, feita com geleia e manteiga de amendoim. Atualmente dedica-se a criar peças em grande escala, maioritariamente feitas a partir de lixo.



CASINO ESTORIL

XXV Salão de Outono

Até 15 de Janeiro

Foi em Outubro de 1980 que se realizou o primeiro 'Salão de Outono', com a participação de 45 autores e a apresentação de 98 trabalhos. O objetivo desta coletiva foi, inicialmente, o de oferecer ao público um panorama das Artes Plásticas Portuguesas, com grande diversidade de linguagens, embora com predominância do expressionismo e do neofigurativismo. Volvidos 30 anos, estiveram presentes, no 'Salão de Outono', 557 artistas, entre os quais Nadir Afonso, Matilde Marçal, Lima Carvalho, Marília Viegas, Manuel Cargaleiro, Jacinto Luís, Roberto Chichorro, João Reis, Francisco Relógio, Artur Bual, Mário de Oliveira, Jaime Murteira, Thomás de Mello/Tom, Lima de Freitas, Mário Cesariny, Jaime Isidoro, Eduardo Alarcão, Neves e Sousa, Rogério de Freitas, Carybé, Dorita de CastelBranco, Luis Dourdil, Rui Palma Carlos, Paulo Vilas-Boas, Carlos Lança, Luis Ralha, Manuel Tavares e Júlio Resende.



Com o novo ano chegam novos e bons filmes. José Mendonça foi ver alguns e selecionou os dois que lhe pareceram mais interessantes. Eis as suas propostas

NO GRANDE ECRÃ

Um Método Perigoso

Um filme sobre a mente



Título original: A dangerous method
De: David Cronenberg
Com: Michael Fassbender, Viggo Mortensen e Keira Knightley
Género: Drama
Classificação: M/12
Canadá, 2011, 99min
Sala: UCI – El Corte Inglés

Este filme de David Cronenberg vem confirmar o interesse e o valor do realizador, reforçando tudo o que ele tinha feito nos filmes anteriores. Desta vez Cronenberg leva-nos à psicanálise através da relação entre Freud (Viggo Mortensen) e Jung (Michael Fassbender), dois génios das ciências da mente que, a certa altura, se tornam antagónicos. Entre os dois, para além das divergências de pensamento, surge Sabina Spielrein (Keira Knightley), uma jovem de 18 anos internada no Hospital Psiquiátrico onde Jung trabalhava. Na primeira parte do filme, Sabina torna-se paciente e amante de Jung, que fica dividido entre ela e a mulher. Depois, passa a ser colega e confidente de Freud. No final, Sabina e Freud são perseguidos pelos nazis e têm um final trágico, enquanto Jung tem uma morte natural.

Um filme sobre a complexidade da mente e das relações humanas.

Temos Papa

A história do cardeal eleito



Título original: Habemus Papam
De: Nanni Moretti
Com: Michel Piccoli e Nanni Moretti
Género: Drama
Classificação: M/12
Itália, 2011, 92min
Sala: UCI – El Corte Inglés

Para mim, Moretti é um cineasta fascinante. Sem medo nem complexos, pega num tema polémico e leva-o pela mão como se de um assunto do dia-a-dia se tratasse. Falo do filme ‘Temos Papa’, onde Moretti aborda a questão da eleição do Santo Padre. Enquanto os cardeais se reúnem em conclave, os fiéis aguardam pelo fumo branco, na Praça de São Marcos. Depois de várias ameaças, o fumo lá sai da chaminé. O filme vai começar. O cardeal eleito, figurado por Michel Piccoli, nem sequer consegue abeirar-se da varanda onde deveria fazer o primeiro discurso. Em vez disso foge. Deambula pelas ruas e no trânsito confuso de Roma. Depois de tentarem de tudo, os seus conselheiros chamam um dos melhores psicanalistas do país (Nanni Moretti). Recuperado, o Papa vai até à varanda do Vaticano dar conta do seu estado de alma aos fiéis. Não sendo o melhor filme de Moretti é Moretti no seu melhor.



↓ clássicos

A lista de Schindler

A lista de Schindler’ é um relato fascinante sobre o empresário nazi Oskar Schindler, que salvou a vida a mais de mil judeus polacos. Neste filme, Spielberg consegue ir para além dos aspetos básicos do Holocausto e manter-nos presos ao ecrã durante 197 minutos. Na narrativa, explica-se como os judeus podiam ser mortos, a todo o momento, pela arbitrariedade do diretor do campo de concentração. Para narrar esta parte da história, Spielberg extrai o máximo de intensidade do terror e da emoção contidos no livro de Keneally, acrescentando uma imagem de exuberância aos nazis, que nos é mostrada com o auxílio do personagem de Liam Neeson, que

desempenha o próprio Schindler. Por outro lado, o subtil desempenho de Ben Kingsley, na pele do contabilista judeu, seu braço direito e consciência silenciosa, faz-nos descobrir o universo dos judeus polacos. Ausente da história está, infelizmente, o importante papel da mulher de Schindler, Emilie, na salvação de muitas vidas judias, que daria ao filme alguma complexidade moral. Ainda assim, ‘A lista de Schindler’ é um excelente retrato histórico.

Título original: Schindler's list
De: Steven Spielberg
Com: Liam Neeson, Ben Kingsley, Ralph Fiennes e Caroline Goodall
Género: Drama
Classificação: M/12
EUA, 1993, 197min

Nas salas de concertos da grande Lisboa as propostas são imensas. No entanto, o CCB mereceu o nosso maior destaque pela variedade apresentada. Assista a um bom espetáculo



Orelha Negra

Dia 21, às 21h, no CCB

CONCERTO

Depois dos álbuns “Orelha Negra” (2010) e “Mixtape” (2011), este grupo de cinco músicos lisboetas, apaixonado pelas sonoridades afro-americanas, apresenta um novo espetáculo no início deste ano. A paixão pelos discos no seu formato mais puro, o vinil, juntou Cruz, Ferrano, Gomes Prodigy, Mira Professional e Rebelo Jazz Bass, nesta aventura que se chama Orelha Negra.



Marc Copland e John Abercrombie

Dia 25, às 21h, no CCB

CONCERTO

John Abercrombie, influente guitarrista tanto no registo acústico, quanto no elétrico, é um experimentalista nato que trabalha a partir da tradição do jazz. Marc Copland é um dos mais originais e prolíficos pianistas de jazz da atualidade, considerado um dos maiores expoentes do piano de jazz lírico. Dois músicos brilhantes que sobem ao palco do CCB para um concerto irresistível.



Rodrigo Leão

Dia 24, às 21h, no CCB

CONCERTO

Rodrigo Leão entrou em estúdio para a gravação de um novo trabalho que explora essencialmente um trio de cordas e o acordeão. Será esse novo trabalho que o compositor português irá apresentar CCB, onde projeta as ideias que vai carregar consigo durante 2012. Nova música, novo álbum, mas a magia e a sofisticação de sempre garantidas pelo génio particular de Rodrigo Leão.



Pedro Abrunhosa: canções

Dia 20, às 21h30, no Coliseu dos Recreios

CONCERTO

Nas palavras do próprio Pedro Abrunhosa, os seus ‘espetáculos têm uma função: contar histórias, onde não há heróis nem vilões mas sim palavras que apetece cantar’. Este é o seu mundo. O mundo que partilha com o público, num concerto intimista. Ligado à música desde sempre, Abrunhosa deu-se a conhecer, em 1994, com “Viagens”, um disco de rock cheio de jazz e ritmo. Desde então o sucesso não parou.



Concertos e óperas em janeiro

por António Cabral

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

5/1, às 21h (Grande Auditório)
e 6/1, às 19h (Grande Auditório)

Orquestra Gulbenkian, Dir. Lawrence Foster; Artur Pizarro (pn.); um programa Franz Liszt com a inclusão dos dois concertos para piano e orquestra. Pizarro será deles um ótimo intérprete.

8/1, às 21h (Grande Auditório)

O pianista americano Uri Caine e 5 solistas da Orquestra Gulbenkian recriam a música de Wagner tal qual teria sido tocada nos cafés de Veneza em 1880.

12/1, às 19h (Grande Auditório)
e 15/1, às 16h (Grande Auditório)

Versão de concerto de “Tanhauser” uma das importantes óperas de Richard Wagner. Coro Gulbenkian, Orquestra Gulbenkian, maestro Bertrand de Billy e como solistas (entre outros) Johan Botha (Tanhauser), Melanie Diener (Elisabeth) e Heidi Brunner (Vénus). Como praticamente temos muito pouca ópera no São Carlos valha-nos a santa Gulbenkian.

19/1, às 21h (Grande Auditório)
e 22/1, às 19h (Grande Auditório)

Dois concertos da Chamber Orchestra of Europe, dirigida pelo compositor e maestro inglês Thomas Adés (nascido em 1971). Nos programas, além de três obras de Adés, Berlioz (Les Nuits d’été), Sibelius (Sinfonia nº 6) e Beethoven (também a Sinfonia nº 6).

27/1, às 19h (Grande Auditório)
e 28/1, às 21h (Grande Auditório)

Ainda Thomas Adés agora a dirigir a Orquestra Gulbenkian. Mais duas obras suas,



Uri Caine

uma delas encomendada pela Gulbenkian. O concerto terminará com Berlioz (Sinfonia Fantástica)

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

1/1, às 21h (Grande Auditório)

A Orquestra Metropolitana de Lisboa e o seu maestro Cesário Costa interpretam polkas e valsas da Família Strauss.

28/1, às 21h (Grande Auditório)

A Orquestra Metropolitana de Lisboa e o maestro Anton Ros Marbà num concerto impressionista: Debussy (‘Prelude à l’Après midi d’un faune’ e ‘La Mer’) e Manuel de Falla (‘Noche en los jardines de Espana’, com Cédric Tiberghien ao piano).

TEATRO DE SÃO CARLOS

14,17,19,24, e 26/1, às 20h e 22/1, às 16h

‘Così fan tutte’ de Wolfgang Amadeus Mozart (uma das suas óperas mais celebradas) Para além da Orquestra Sinfónica Portuguesa e do coro do Teatro São Carlos, teremos o maestro Erik Nielsen, e Carmen Romeu, Luisa Francesconi, Fabio Trumpy e Andreas Wolf como principais intérpretes. A encenação é de Guy Joosten. Produção da Vlaamse ópera da Bélgica. Oxalá seja tudo muito bom porque a ópera não merece outra coisa.

Apesar dos cortes nos orçamentos, as salas de teatro recebem 2012 da melhor maneira. A Artes&Letras sugere quatro peças que não deve perder. Escolha a que mais o alicia



A paixão segundo Eurico

Num mundo em convulsão, Eurico vive um amor impossível por Hermengarda. Em busca de paz, abraça a religião, veste o hábito de monge e refugia-se na poesia. Isolado, assiste inquieto à degradação política da nação. Quando a guerra é declarada, resolve pegar em armas. O prazer de desafiar a morte inebria-o. A destruição está por todo o lado. Reina uma nova ordem. O amor seria agora possível não fosse tarde demais. Estamos na Península Ibérica, no ano de 749. Os Godos, anteriormente apelidados de Bárbaros, agora romanizados e politicamente corruptos, detêm o poder. A sul da Península assiste-se ao desembarque dos Árabes, à vitória gradual do Corão sobre a Bíblia e ao início do califado do Al-Andaluz.

Teatro Nacional Dona Maria II

Preço: €12

Data: Até 29 de Janeiro

Dramaturgia e versão cénica: Ana Vaz, Cristina Carvalho, Graça P. Corrêa, Inês Rosado, Pedro Filipe Marques e Sara Carinhas

Interpretação: Cristina Carvalho, Inês Rosado, Sara Carinhas



Melodrama para dois atores e um fantasma

Aprisionado no espaço doméstico, com os seus segredos e mentiras, um casal teme revelar o que esconde um do outro. A consciência ensombra-os. Junta-os a necessidade de companhia; afasta-os quererem preservar a individualidade sem concessões. O fantasma que paira entre ambos é o das perguntas que fazem e refazem a si mesmos. O sofrimento e a confiança perdidos na relação anterior ressurgem na vida do novo casal sob a capa do medo e da dúvida. Terminada a excitação da descoberta, a paixão dá lugar às exigências do dia-a-dia. Esta peça procura criar um paralelismo entre o estado crítico da sociedade contemporânea, a instabilidade emocional em que vivemos e o desmoronar das relações conjugais. Fala de possessão, ciúme, traição, egoísmo, perdão, arrependimento e da urgência do trabalho.

Teatro Maria Matos

Preço: Inteiro: €12; Com desconto: €6

Data: De 11 a 18 de Janeiro

Dramaturgia e Direção: Rui Catalão

Interpretação: Cláudio da Silva e Sofia Dinger



Vermelho

Nova Iorque, 1958-1959. O pintor Mark Rothko contrata Ken para o ajudar a fazer uma série de murais para um luxuoso restaurante, integrado no edifício Seagram, um projeto inovador dos arquitetos Philip Johnson e Mies van der Rohe. Enquanto misturam as tintas e preparam as telas, Rothko expõe as suas ideias sobre a arte, reportando-se a Caravaggio, Miguel Ângelo, Jackson Pollock e Andy Warhol. Defende que a arte deve propiciar o encontro do homem consigo próprio e não ser um mero objeto de divertimento e decoração. No diálogo entre o mestre e o discípulo, desenvolve-se um intenso processo de reflexão que os transforma a ambos. Escrito pelo autor norte-americano John Logan, em 2009, e distinguido com vários prémios de teatro, "Vermelho" é um diálogo apaixonante sobre a arte e a vida.

Teatro Aberto

Preço: Inteiro: €15; Menores de 25: €7,50; Maiores de 65: €12

Data: Até dia 26 de Fevereiro

Encenação: João Lourenço

Interpretação: António Fonseca e João Vicente



Morte de Judas

Em "Morte de Judas" Paul Claudel dá voz ao apóstolo, apresentando a morte de Cristo do ponto de vista de quem o traiu. Ao contrário dos Evangelhos, nesta peça Judas fala do lugar do Homem, fala depois de se enforcar, e resgata a sua condenação moral com um ponto de vista exemplarmente dialético onde demonstra como a sua traição serviu Deus. A figueira, árvore viva, com ramos em todas as direções, torna-se o símbolo da crítica, da lucidez, do próprio livre arbítrio, do próprio Homem, e opõe-se para sempre à cruz, madeira já morta, indicadora do caminho da salvação. O resultado é um estranho e incómodo objeto, o monumento a que o mal não tem direito. 'Morte de Judas' fala de fé e explica que é o Homem quem trabalha para Deus.

Teatro Cornucópia/Teatro do Bairro Alto

Preço: Inteiro: €15; Estudantes, Menores de 25 e Maiores de 65: €7,50

Data: De 19 a 29 de Janeiro

Encenação: Dinarte Branco, Luís Miguel Cintra e Cristina Reis

Interpretação: Dinarte Branco e Luís Miguel Cintra

LÁFORA

Em Portugal temos mostras de arte muito interessantes mas lá fora há uma imensa variedade de propostas. Veja o que descobrimos para o caso de sair do país



Museu Thyssen-Bornemisza, Madrid

Berthe Morisot: A pintora impressionista

Até 12 de Fevereiro

Pela primeira vez em Espanha, dedica-se uma exposição monográfica à artista impressionista Berthe Morisot, que permite descobrir uma pintura elegante e brilhante. Morisot foi a primeira mulher a juntar-se ao movimento impressionista, tendo sido a primeira pintora a desenvolver uma carreira significativa ligada a um movimento novo e inovador. A representação dos sentimentos das mulheres foi tema central do seu trabalho. O seu amigo e poeta francês Paul Valéry costumava dizer que ela “vivía a sua pintura” e “pintava sua vida”.

Tate Britain, Londres

John Martin: Apocalypse

Até 15 de Janeiro

Visionário, excêntrico, populista e épico, John Martin foi uma figura controversa, mas fundamental na arte do século XIX. Com as suas visões dramáticas do céu e do inferno, este artista dedicou-se aos temas da destruição apocalíptica e do desastre bíblico. Muito popular no seu tempo, Martin foi também muito criticado pelas cenas impressionantes de julgamentos e condenações. Esta exposição captura o drama e o impacto das pinturas de John Martin, que devem ser vistas para podermos acreditar.



Louvre, Paris

Giorgio Vasari

Até 8 de Fevereiro

Para assinalar o quinto centenário do seu nascimento, o Louvre homenageia Giorgio Vasari, arquiteto, pintor e escritor italiano, através de uma exposição com os seus melhores desenhos. Vasari foi um dos mais puros representantes de uma espécie de arte da corte: elegante, cheia de graça, de aparente facilidade, e cujo único fundamento era a concepção teórica e prática. É essa concepção de desenho que é ilustrada da exposição.

PORTO

Em 2012 continua a haver muito que ver... Saiba o que Maria João Duarte descobriu no Porto, claro!

Música

CASA DA MÚSICA: “Abertura oficial França 2012”, Orq. Sinfónica do Porto toca P. Dussapinee e Berlioz (13); “França hoje”, Remix Ensemble (14); “Viagem com Mozart” (20); “Les goûts réunis”, Orq. Barroca (21); “Histórias de vida” (28); “A grande dama” (3Fev); “Valsas de Ravel” (5Fev). **COLISEU:** “Grande Gala Strauss” (7) “LMFAO”, party rockers com “Far East Movement” e Colette Carr (17); “Os Planetas (excertos) de Holst” (22); Pedro Abrunhosa (27). **LOCK CLUB:** “A Book In The Shelf + Halo” (6). **RENDEZ VOUS:** “The Marginals + Tiago Vaz” (13) “Killimanjaro + Ana Paris” (14).

Teatro

TEATRO SÁ DA BANDEIRA: dEUS (4fev). “Mostra a Perna que a Crise não é Eterna!”, revista à portuguesa com encenação de João Lourival (até 29).

À descoberta do Porto

A Igreja de São Martinho de Cedofeita é considerada a mais antiga do Porto. Cedofeita (“cito-facta” ou “cedo-feita”, feita de pressa) era uma povoação dos suevos, povos germanos que chegaram à península Ibérica em 409. Esta Igreja terá sido erguida por um dos seus reis, Reciário em 446 ou Teodomiro em 559, em honra de S. Martinho de Tours. Foi alvo de sucessivas transformações, adquirindo um traço românico quando foi erguido o Mosteiro de Cedofeita no início do séc. XII. Em 1930 foi reconstruída. Aqui, no dia 6 (ent. livre) toca a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto.

Exposições

SERRALVES: “Thomas Struth: Fotografias 1978-2010”, (até 29); “Da página para o espaço: Esculturas de papel publicadas”, obras para recortar e montar, tridimensionais (até 5Fev). “Outra vez não - Eduardo Batarda” (até 11Mar). **CENTRO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA:** “Fotografias que hablan solas”, retrospectiva e homenagem ao fotógrafo Juan txu Rodríguez (até 26Fev); “Nuevos Valores de la Fotografía Española”: (até 26Fev). **FÁBRICA SOCIAL:** “A Metamorfose da Matéria” (até 29Fev). **FOYER DO TEATRO DO CAMPO ALEGRE:** “Marvão: relançamento da candidatura a património da humanidade” (até 31). **GALERIA DAMA AFLITA:** “Sabichão”, coletiva de ilustradores (até 14). **GALERIA ARTES SOLAR STO. ANTÓNIO:** “A Ceia”, coletiva de pintura e escultura (até 14). **ESPAÇO JOÃO PEDRO RODRIGUES, R. Nª Srª de Fátima, 268:** “Arte Móvel 2011”, quadros e esculturas de bolso” (até 16). **CULTURGEST:** “Willem Oorebeek - Blackout Katalog” (até 4Fev).

E ainda...

Sabe o que é a Lomografia? Em 1982, na URSS, começaram a ser produzidas em massa máquinas fotográficas pequenas, robustas e fáceis de usar, automáticas, sem “flash”: a “Lomo Kompact Automat”. A “Lomomania” começa em Praga em 1991, quando dois jovens vienenses de férias descobrem a Lomo. Em 1995 nascia em Viena a Sociedade Lomográfica e a primeira LomoEmbaixada. A arte de fotografar com uma Lomo consiste em fotografar ao acaso, de forma imprevisível. **GALERIA DA EMBAIXADA LOMOGRÁFICA DO PORTO:** Exposição Lomografia Férias 2011 (até 29 Fev)

Ano novo, livros novos. A Artes&Letras apresenta-lhe as mais recentes obras de dois escritores de renome. António Lobo Antunes dispensa apresentações e já aqui falámos de Ken Follett



António Lobo Antunes *Comissão das Lágrimas*

O mais recente livro de António Lobo Antunes evoca o período conturbado que se seguiu à independência de Angola. Nesse contexto histórico, fala da violenta repressão e execução sem julgamento de alguns dos principais protagonistas da luta pela libertação. “Comissão das Lágrimas” conta a história de Elvira, comandante do batalhão feminino do MPLA, que foi presa, torturada e morta na sequência dos terríveis acontecimentos de Maio de 1977, em Angola. “Mas este é apenas um episódio num livro denso e sombrio. Lobo Antunes não quis fazer um livro documental sobre o que se passou em Angola, antes usou a sua sensibilidade e o espantoso poder evocativo da sua escrita para falar sobre a culpa, a vingança e a inocência perdida”. Uma voz poderosa e uma linguagem única de um escritor português de exceção.



Comissão das Lágrimas

António Lobo Antunes
Dom Quixote, 2011



Ken Follett *O Terceiro Gémeo*

Novembro de 2011 marcou o lançamento da versão portuguesa de mais um livro de Ken Follett, “O Terceiro Gémeo”. “Jennie Ferrami, uma cientista, especialista em gémeos e nos componentes genéticos da agressão, fez uma descoberta espantosa. Recorrendo a um banco de dados do FBI, encontrou dois homens que parecem ser gémeos verdadeiros: Steve, estudante de direito, e Dennis, assassino condenado. No entanto, nasceram em dias diferentes, de mães distintas, em hospitais separados por centenas de quilómetros. Que segredo terá ela desvendado? Poderá confiar no seu chefe, ou terá de pôr a sua vida nas mãos de Steve, o gémeo por quem se apaixona, apesar de ele estar envolto em suspeitas?” Um romance sobre manipulação genética, interesses, poder, dinheiro, política e falta de escrúpulos, ingredientes que o autor mistura de forma vertiginosa para nos prender ao enredo.



O Terceiro Gémeo

Ken Follett
Bertrand Editora, 2011

Este espaço é de opinião, e nesse âmbito não tem limites. No momento em que se inicia mais um ano, Maria do Carmo Vieira deixa-nos uma mensagem de gratidão e esperança.

Uma Associação da minha vida

MARIA DO CARMO VIEIRA



Associação de Paralisia Cerebral de Lisboa

Finda a época festiva, pensei em escrever sobre pessoas que fazem a diferença, que se notabilizam pela dedicação desinteressada aos outros. São a alma da Associação de Paralisia Cerebral de Lisboa - APCL, A Associação da Minha Vida.

A APPC foi fundada em Lisboa, decorria o ano de 1960, por um grupo de pais e técnicos, sendo um dos seus membros fundadores o actual presidente, José Manuel Antelo, um homem cuja visão e persistência marca todos aqueles que têm o privilégio de com ele conviver. Também integrava esse grupo um dos fundadores da BETAR, tendo-se estabelecido, desde essa época, uma estreita ligação, expressa na autoria dos projectos de estruturas de diversos centros de reabilitação.

Foi há cerca de 13 anos, no momento em que a inolvidável experiência da maternidade era ensombrada pelas dúvidas e incertezas percebidas no evoluir de um bebé diferente, que conheci a actual vice-presidente da APCL, Maria José Tribolet. Na altura incentivou-me a frequentar reuniões de pais de crianças com paralisia cerebral, nas quais se partilhavam angústias, anseios, revoltas e esperanças. Essas reuniões proporcionaram-me o convívio com pessoas extraordinárias que me ensinaram a ultrapassar a diferença, esquecendo a frustração, transformando-a em algo positivo para a minha valorização como pessoa. Dar valor aos pequenos ganhos, como se de grandes conquistas se tratasse, é uma das lições que ainda hoje retenho.

Maria José, com todo o seu carisma, transmitiu-me que não é a sua filha Maria que se tem de adaptar ao nosso mundo e às convenções a que nos habituámos a admitir como certas, mas, é sim, o mundo, que se tem de adaptar à Maria e às suas necessidades.

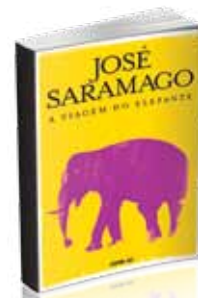
Nestes anos de experiências partilhadas com pessoas ligadas à APCL emocionei-me com a grandeza daqueles que, num gesto de enorme coragem e coração gigante, decidem adoptar a criança deficiente que, à partida, já tem o futuro amputado. Emocionei-me com os que ultrapassam as limitações da sua eficiência. Emocionei-me com os que lutam por proporcionar aos seus filhos, aos filhos dos outros, um mundo melhor: o mundo do desenho universal. Emocionei-me com a dor da necessidade de uma terapia, de um tratamento, de uma cadeira de rodas, de um lar residencial, de um futuro condigno...

Bem hajam os dirigentes, os sócios, os técnicos, os colaboradores e os amigos da APCL.



Um livro da minha vida

SOFIA ALVES



A Viagem do Elefante

José Saramago
Editorial Caminho,
2008

José Saramago

A Viagem do Elefante

No século XVI, 'mais ou menos à hora de ir para a cama', Dom João III, rei de Portugal e dos Algarves, partilha com Dona Catarina de Áustria, sua esposa, uma preocupação que o consome: a mediocridade da oferta que tinha feito ao primo Maximiliano, futuro imperador da Áustria, há 4 anos, por altura do casamento deste. Urgia impressioná-lo com qualquer coisa mais grandiosa, e é assim que decidem espantar a sofisticada Viena com Salomão, o elefante que há 2 anos habitava junto à praia de Belém. O animal, não tendo feito outra coisa senão comer e dormir desde que chegara da Índia, embora sujo e esquecido por todos, era o presente mais que perfeito, símbolo dessa época dourada de um Portugal a poucas décadas de perder a sua independência.

E então começa a viagem do elefante: primeiro de Belém até à fronteira de Castelo Rodrigo, passando por terras espanholas, atravessando de barco o Mediterrâneo até Génova, e fazendo a dura travessia dos Alpes para chegar à Áustria. Quem acompanha o paquiderme é Subhro, o seu tratador, que caminha com ele durante o dia e, quando é preciso, também durante a noite, enquanto nos vai fazendo pensar no porquê de chamarmos firmamento ao céu que está lá em cima, quando firme é a terra que pisamos no caminho que percorremos. Vários são os episódios e as características desta personagem que me fascinam. Aquilo de que mais gosto é sem dúvida a sua fidelidade, que é a fidelidade de um indiano numa terra que não é sua, no meio de portugueses e ainda mais no meio de austríacos. E falo daquela fidelidade que permanece quando tentam fazer de nós aquilo que não somos ou quando pedem que acreditemos naquilo em que não acreditamos. Quando chegam à presença do arrogante Maximiliano, Subhro é oficialmente informado de que Salomão, daí para frente, passará a chamar-se Solimão, e que ele próprio, por ter um nome difícil de pronunciar na Áustria, passará a chamar-se Fritz, porque o rei assim o decretou. Mais tarde, quando Maximiliano decide cortar as horas de descanso de Salomão, agora Solimão, para apressar a viagem dizendo-lhe que isto não é a Índia, Subhro, agora Fritz, responde: 'Se vossa alteza conhecesse os elefantes como eu tenho a pretensão de conhecer, saberia que para um elefante indiano, dos africanos não falo, não são da minha competência, qualquer lugar onde se encontra é Índia'.

E porque 'sempre chegamos ao sítio onde nos esperam', Solimão chega a Viena, já meio elefante meio deus, capaz de tocar a vida das pessoas por quem passa e de nos fazer sentir incomodados com tanta grandeza. E entendemos porque há quem diga que o Homem terá sido feito com as sobras do elefante.



Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS
COM O ATELÍE PROMONTÓRIO
REQUALIFICAÇÃO DO CASTELO DE ALCÁCER